



## A PESTE BUBÔNICA E SEU SIGNIFICADO SOCIAL NA CIDADE DO SALVADOR DE 1904 - 1905

José Lamarc Santana Barbosa\*

**RESUMO:** *O objetivo dessa comunicação é apresentar os aspectos iniciais do trabalho que estou desenvolvendo na graduação em História. Neste estudo pretendo discutir sobre as medidas de saúde pública na cidade do Salvador, durante o período em que se deu o primeiro surto de Peste Bubônica na cidade, de 11 de julho de 1904 até o último doente que teve alta a 13 de fevereiro de 1905. Pretendo traçar as correlações entre as medidas destinadas à saúde pública da Intendência Municipal, do Governo do Estado da Bahia e do Governo Federal, e as respostas a estes procedimentos da população soteropolitana. Tento desenvolver uma metodologia direcionada às políticas de saúde pública, além de examinar as atividades dos órgãos inerentes à saúde pública e sua prática na Cidade do Salvador. Sendo assim, venho pesquisar as seguintes fontes: relatórios e mensagens municipais, estaduais e federais, periódicos e revistas, além de fontes secundárias relacionadas ao tema proposto. Sendo assim, a proposta é de fazer uma correlação de fatos e fontes, mostrando suas conseqüências e significados para a vida da população soteropolitana, além de tentar demonstrar seus anseios, medos e angústias, perante o proposto pelas “autoridades” higiênicas da cidade do Salvador. Este estudo vem a ter significativa relevância para a compreensão da Cidade Salvador e sua população, em seu âmbito hospitalar, higiênico, social e político.*

**Palavras-chaves:** Salvador; Bahia 1904 – 1905; Saúde Pública; Peste Bubônica.

### INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo abordar o significado social dado, na cidade do Salvador, ao surto de peste bubônica ocorrido de 1904 até 1905. Por volta de 11 de julho de 1904,<sup>1</sup> deram entrada, no hospital de isolamento, os dois primeiros infectados pelo mal da peste bubônica, sendo que em 7 de dezembro de 1904 fora internados os últimos infectados. De acordo com os relatórios pesquisados “... O último doente teve alta a 13 de fevereiro de 1905, fechando-se neste dia o hospital...”<sup>2</sup> Com estes dados em mãos, não teria como delimitar um outro período para a minha pesquisa, pois não encontrei evidências sobre o surto da peste bubônica antes das datas referidas.

O trabalho tomou maior corpo quando passei a pesquisar o jornal Diário de Notícias, encontrando muitas reivindicações de populares, requerendo reformas e melhorias para a zona urbana. Estas reivindicações eram apresentadas quase diariamente por moradores, comerciantes,

---

\* Acadêmico do Curso de História da Universidade Católica do Salvador – UCSal. [lamarc@pop.com.br](mailto:lamarc@pop.com.br). Orientador: Afonso Bandeira Florence, Professor, Mestre, do Departamento de História da UCSal. [florence@ucsal.br](mailto:florence@ucsal.br).

<sup>1</sup> Gazeta Médica da Bahia. Vol 36, Março 1905. p. 385. Neste jornal eram publicados trechos dos relatórios oficiais da Inspeção de Higiene Estadual e Municipal, além de diversos pareceres sobre as condições de salubridade da Cidade do Salvador e as demais profilaxias para o combate às doenças infecto-contagiosas. A discussão maior não é o dia em que deram entrada no Hospital de Isolamento os infectados e sim quando o primeiro caso veio à tona. O primeiro caso foi sabido pelo governador no dia 07 de Julho de 1904. Conclui-se que este primeiro doente só veio ter atendimento quatro dias depois, porque o hospital de Isolamento estava fechado. Conforme prognóstico dado pelos especialistas às pessoas infectadas pela peste; se não tiver o devido tratamento, morre em até quatro dias. Aprofundaremos melhor o caso em outra oportunidade.

<sup>2</sup> Op. Cit p. 385 - 388



jornalistas, em fim, todos que estavam incomodados com as condições de vida na capital Baiana. Para Venétia Rios que estuda a cidade do Salvador até nos últimos 50 anos do século XIX: “a velha cidade convivía com o lixo das ruas, com um precário serviço de coleta, a falta de esgotamento sanitário, com costumes e hábitos que contrastavam com as exigências da ciência ‘higiênica’ ” (RIOS, 2001. p.24). As tendências assinaladas pela autora não vêm destoar daquelas que temos do início do século XX, prioritariamente dos anos que estudo, 1904 – 1905.<sup>3</sup>

O que pretendo discutir são as políticas de saúde empregadas na cidade do Salvador e sua significância para a população soteropolitana durante o surto da Peste Bubônica, tentando refletir sobre as inquietações da população como a que foi enviada ao Jornal Diário de Notícias:

Eis uma reclamação que levamos ao sr. dr. director de hygiene municipal, de cujo critério esperarmos uma medida repressora do abuso que ella envolve.

Algumas casas onde têm occorrido casos do mal levantino, confirmados pela sciencia, continuam a ser habitadas, sujeitas apenas á ligeira desinfecção, sem passar pelo processo de rigorosa e indispensável beneficiação, como sejam – caiadura do tecto e paredes, lavagem do solo, etc.

Esse systema não nos parece consentâneo com os preceitos que em taes casos a hygiene impõe e, uma vez que os poderes públicos se empenham por julgar a terrível epidemia que nos tem apavorado não é muito que se obriguem os proprietários dos prédios onde occurram caos confirmados de peste a beneficiá-los rigorosamente.<sup>4</sup>

Assim sendo, temos que considerar aspectos do espaço urbano da cidade do Salvador que vêm contrastar com as exigências da população e o trabalho do serviço público de Saúde. Pude perceber que, ao que tudo indica, as reivindicações que foram demandadas ao poder executivo, seja à Intendência Municipal, então exercida por Antonio Victorio de Araújo Falcão, seja ao Governador do Estado da Bahia, José Marcelino de Souza, não foram atendidas de acordo com as reais necessidades da população soteropolitana. Nesse sentido o próprio governo do Estado registrou sua inquietação em relação à situação do Serviço de Saúde Pública em uma fala à Assembléia Legislativa:

Já é tempo de aparelharmos a nossa defeza sanitária com um pessoal permanente e uma organização profícua, e estável que possa funcconar normalmente, garantindo-nos contra os assaltos epidêmicos, sem carecermos de improvisar serviços, pessoal e material, que não podem corresponder ao fim a que se destinam e gravam fortemente os cofres públicos, deixando á passagem de cada crise em passivo notável, além dos prejuizos de toda ordem que uma organização regular e scientifica teria perfeitamente evitado.<sup>5</sup>

Com a continuidade desta pesquisa, pretendo contribuir para o entendimento das relações entre as condições de higiene e a ocorrência das epidemias, em particular, considerando os estudos da população soteropolitana e de suas inquietações para com as medidas de saúde pública, além de considerar que este tema é importante para o desenvolvimento de novas tentativas de estudos sobre os temas correlatos, motivos que me impulsionam a fazer este estudo científico.

<sup>3</sup> Diário de Noticias 4 de Novembro de 1904. In: Sessão de Periódicos Raros. Biblioteca Pública do Estado da Bahia.

<sup>4</sup> Diário de Noticias 10 de Outubro de 1904.

<sup>5</sup> Mensagem Apresentada à Assembléia Geral Legislativa do Estado da Bahia. Arquivo da Bahia Setor: Biblioteca 1906. p. 8

## A CIDADE DO SALVADOR NO TEMPO DA PESTE

Em julho de 1904, importantes parcelas da população estavam desgastadas com os “desmandos administrativos”, praticados pelos representantes dos governos municipais e estaduais que, desde a proclamação da república, foram incapazes de modificar, profundamente, os órgãos ligados à saúde pública.

A capital da Bahia não estava numa situação das melhores, visto que sua estrutura combalida foi descrita por José Marcelino de Souza em fala à Assembléia Legislativa no ano de 1906, pela precária:

[...] crise epidêmica que assaltou esta capital em 1904 pela invasão da peste bubônica veio mais uma vez demonstrar a necessidade de completar a organização da defesa sanitária do Estado, com a boa orientação iniciada em 1902 pela criação do serviço geral de desinfecção e pelo serviço das pesquisas bacteriológicas.<sup>6</sup>

A fala anterior do governador do Estado da Bahia nos dá a noção de como estava, há tempos, a má distribuição organizacional da higiene e da administração pública, na cidade do Salvador (NASCIMENTO, 1986. p. 23 – 28).

A cidade estava em um desleixo quase total, a ponto de alguns moradores continuarem a despejar as fezes nas praças e ruas próximas a suas casas. Não raro viajantes estrangeiros que visitavam Salvador alertavam sobre o perigo de serem enlameados em plenos logradouros públicos. É o que nos relata Octávio Torres da Silva.

Quantas vezes não são os transeuntes testemunhas dessas misérias, ocasionadas, umas pela falta de latrinas, outras pelo impudor civil e baixeza de caráter de alguns indivíduos. Lança-os imundícies pela calha que serve de esgoto às águas dos telhados. Quando não, tomam banho delas, atirando-as pela janela? Ou então somos presenteados com os célebres ‘pombinhos sem asas’, cuja confecção é assaz conhecida e bastante usual nesta cidade (SILVA, Julho de 2002).

As condições higiênicas em que se encontrava a cidade do Salvador vêm mais uma vez à tona descrita nas queixas e reclamações do Jornal Diário de Notícias, do dia 16 de dezembro de 1904:

Pessoa conceituada, residente a rua do collegio, districto da Sé, pede-nos invoquemos as vistas dos srs. prepostos da hygiene para estado de imundice dos quintaes dos prédios de números 3, 5 e 7, á rua do Saldanha, e 4, 6, 8 e 10, á rua do Collegio, de onde se despredem miasmas insupportaveis em que põem em riscos a saúde de todos os moradores daquelle trecho do districto da Sé.<sup>7</sup>

As reclamações não paravam de ser publicadas nas edições diárias do jornal Diário de Notícias. Elas podem servir como um dos parâmetros de avaliação das condições estruturais da cidade do Salvador quando do advento da peste bubônica. Uma delas foi enviada à redação do jornal Diário de Notícias pelo proprietário de um armazém da cidade alta, que reclamava da carência de segurança pública existente na região e da insuficiência de higiene. Dizia o reclamante que:

<sup>6</sup> Mensagem - Apresentada á Assembleia Geral Legislativa do Estado da Bahia. 1906, p. 7.

<sup>7</sup> Diário de Noticias 16 de Dezembro de 1904.



[...] é justamente nesta quadra, quando a miseria avassala grande numero de classes; quando o vicio toma forte incremento e gatunagem, conseqüência dessa perturbação na ordem social, pullula desafortadamente; quando a hygiene municipal, mercê do pesimo estado sanitário desta cidade [...].<sup>8</sup>

Após todos os documentos coletados e as evidências encontradas a respeito da cidade do Salvador, não podemos imaginar outra caracterização, a não ser que estamos diante de uma cidade extremamente doente, tendo bastante falhas na sua estrutura administrativa, visto que os dois ocupantes dos poderes máximos executivos, do Estado e Município, respectivamente, o Intendente Municipal Antonio Victorio de Araújo Falcão e o Governador José Marcelino de Souza tinham uma relação de disputas, visto as diversas cobranças mútuas feitas pelo governo e pelo Intendente em suas falas.<sup>9</sup>

## DURANTE E “DEPOIS DA PESTE”

Não podemos deixar de fazer alusão aos supostos causadores de todos estes estragos, os ratos. Eles eram os principais responsáveis para que o mal se alastrasse em toda a cidade. Os ratos eram tão perseguidos que a intendência municipal chegou a oferecer um pagamento por cada rato morto, como podemos ver no edital de abertura da compra dos ratos mortos:

Directoria de Hygiene Municipal. Todos os dias úteis da 9 horas da manha as duas horas da tarde serão pagos a 200 rs. Os ratos mortos e queimados no Laboratorio Municipal.

Estes ratos, mortos por qualquer meio ou achados mortos, não devem ser tocados com as mãos antes de receberem água fervendo ou creolina, sendo então transportados com auxílio de paus ou pinças ao logar em que serão chamuscados ou queimados. Bahia 11 de Julho de 1904. – Assinado Dr. Innocencio Cavalcante.

Após a publicação do edital acima, apresentaram-se nesta repartição diversas pessoas trazendo ratos de acordo com as condições exigidas, deixando, porem esta directoria de comprar, no mez de outubro, pois ninguém mais ter comparecido para vender ratos mortos.

Pequeno foi o numero de ratos apresentados elevando-se a soma de 5655, com os quais apenas dispende-se a quantia de 600\$400; a principio effectuoi-se o pagamento conforme edital; pouco depois resolvi mandar pagar somente 100 reis cada um.<sup>10</sup>

Para considerarmos o valor pago pelo governo Municipal por um único rato, primeiramente de 200\$000 reis, vale comparar com a informação contida no próprio relatório que o kilo da carne verde estava custando na mesma época oitocentos mil reis o kilo. Ou seja, a cada 4 ratos entregues, poder-se-ia comprar um kilo de carne verde. Mesmo assim verificar-se-á que os índices de entrega foram pequenos. Entretanto logo o Governo Municipal reduziu o valor do pagamento para 100\$000 reis. Estas medidas vinham sendo experimentadas em São Paulo e no Rio de Janeiro:

<sup>8</sup> Diário de Noticias 19 de Outubro de 1904.

<sup>9</sup> Mensagem Apresentada à Assembléia Geral Legislativa do Estado da Bahia – Pelo Governador: José Marcelino de Souza 1905, 1906 e 1907. Depositada no APES\*. Encontrada defesas e acusações no Relatório da Intendência Municipal - Apresentando ao Conselho Municipal – pelo Intendente Dr. Antonio Victorio de Araújo Falcão – 1906. Depositado no APMS.

<sup>10</sup> Relatório da Intendência Municipal - Apresentando ao Conselho Municipal, 1906.

[...] por ocasião da Peste, foram gastos muitos contos de reis mensalmente na compra de ratos mortos, o que prova o interesse, a convicção que tem o povo de ser este um dos meios profícuos no emprego de medidas para evitar a invasão e debellar a peste.<sup>11</sup>

São evidências como estas que levam historiadores a considerar que em Salvador não se acreditava na medicina.<sup>12</sup> Apesar disto, no jornal Diário de Notícias torna-se público com mais uma denuncia de prática indevida da atividade médica:

[...] na especialidade clinica dos dois médicos a pulso entra a cura de posesos, endemoniados etc., affluindo a sua casa grande numero de crentes em procura de remedio de seus soffrimentos.

Hotem, levaram ao consultório do Joaquim o individuo Cosme Alves Damião, o qual, prescidiado o exame clinico, foi logo declarado estar como o diabo no corpo, e entrou immediatamente no tratamento, que, com vão ver os leitores, é assas deshumano.

Graciliano Telles de Menezes e João da Motta enfermeiros ou auxiliares dos africanos Joaquim e Clara, subjugaram o paciente e ao tempo que Flodoalda do Rosario fornecia-lhes cansação, com este iam exorcisando-lhe o corpo, que ficou extraordinariamente empolado.<sup>13</sup>

Neste estudo, noto que a procura pelas curas alternativas, estudadas por Weber (1999. p. 179-217) e Sampaio (2001. p. 31-138) dentre outros, será uma constante, como também as reclamações de médicos para o combate a tais práticas pelos órgãos competentes do Governo do Estado e da Intendência Municipal.

Para darmos cabo à idéia da ineficácia e falta de estrutura do poder público municipal, temos o pronunciamento do próprio inspetor de higiene municipal:

No período que sérvio de inspetor de hygiene, o meu collega o Dr. Dias Coelho e nos poucos dias de minha inspectoria deram-se alguns casos de peste levantina, sendo tomadas todas as providências indispensáveis e recommendados pelos hygieneistas, para debellação do mal solução do povo.

Não dispondo o Município, do material necessário e requerido pelas medidas prophylaticas, vae entretanto, esta repartição preenchendo o seu fim, graças a actividade e zelo dos funcionários.

As minhas vistas e dos meus auxiliares, estão voltados, especialmente, para o Caes do Ouro, ponto quer, pela syndicancia procedida e observação dos factos, nos parece ser o local nadiador do mal, pois, mais ou menos, têm se manifestado casos de peste em pessoas que empregam a sua actividade em trabalhos naquelle logar.<sup>14</sup>

<sup>11</sup> Op. cit., 1906.

<sup>12</sup> Verificar em SCHWARCZ, Lilia Moritz. O espetáculo das Raças – Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil 1870 – 1930 o capitulo 6 que fala sobre As faculdades de Medicina ou como sanar um país doente. P. 189-238, além das teses de Mestrado de RIOS, Venézia Durando Braga. Entre a Vida e a Morte: Médicos, Medicina e Medicalização na Cidade do Salvador 1860 – 1880 e NASCIMENTO, Ana Amélia Vieira. Dez freguesias da Cidade do Salvador – Aspectos Sociais e Urbanos do Século XIX. As duas professoras são só algumas leituras que poderão ser feitas sobre o tema da incredulidade e/ou dificuldade da medicina científica vir a ser aceita.

<sup>13</sup> Diário de Notícias. 1 de dezembro de 1904.

<sup>14</sup> Relatório da Intendência Municipal Apresentando ao Conselho Municipal. 1906.

No final de sua fala, ele cita o porto como uma das áreas que mais o preocupam, visto que a solicitação de reforma foi feita ao Governo Federal desde 1903, recuperado apenas em 1911.<sup>15</sup>

Esses primeiros escritos têm como objetivo conhecer um pouco mais a saúde pública implementada na Salvador do início do Século XX. Demonstrar como foi tratada uma das importantes epidemias desta cidade, a peste bubônica. Além de dar voz àqueles que tanto reclamaram e bradaram contra as condições de insalubridade desta Capital, saliento, também, que este trabalho não tem o intuito de esgotar tal tema e sim contribuir com o debate historiográfico.

## REFERÊNCIAS

DAVID, O. R. **O Inimigo Invisível: Epidemia na Bahia no Século XIX**. Salvador: EDUFBA/Sarah Letras, 1996.

MATOSO, K. M. de Q. **Bahia: a cidade do Salvador e seu mercado no século XIX**. São Paulo: HUCITEC; Salvador: Secretária Municipal de Educação e Cultura, 1978.

MUNIZ, G. Contribuição ao Estado Clínico da Peste. In.: **Revista dos Cursos da Faculdade de Medicina da Bahia** 1906. Sessão de Periódicos Raros. Biblioteca Pública do Estado da Bahia.

NASCIMENTO, A. A. V. **Dez freguesias da Cidade do Salvador – Aspectos Sociais e Urbanos do Século XIX**. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1986.

RIOS, V. D. B. Entre a Vida e a Morte: Médicos, Medicina e Medicalização na Cidade do Salvador 1860 – 1880. Mestrado em História Social – UFBA, 2001.

SAMPAIO, G. dos R. **Nas trincheiras da cura: as diferentes medicinas no Rio de Janeiro imperial**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, CECULT, IFCH, 2001.

SANTOS, L. A. de C. O pensamento sanitarista na Primeira República: Uma ideologia de construção da nacionalidade. Dados. **Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v.28, n.2, p.193-210, 1985.

SCHWARTZ, L. M. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVA, O. T. A cidade do Salvador perante a higiene. In: Repórter Correio da Bahia, 01 de Julho de 2002.

TAVARES, L. H. D. **História da Bahia** – Edição 10. São Paulo: UNESP – Salvador: EDUFBA, 2001.

---

<sup>15</sup> Mensagem Apresentada à Assembléia Geral Legislativa do Estado da Bahia. 1906. p. 09. Suponho que a influência tida pelo Dr. José Joaquim de Seabra, atual Ministro do Estado da Viação e Obras Públicas, 1911, e suposto candidato ao governo do Estado da Bahia, tendo o apoio máximo do Presidente da República, veio a facilitar as obras solicitadas desde 1903 aprovadas em 1905. Arquivo on line: <<http://www.crl-jukebox.uchicago.edu/bsd/bsd/u2280/000340.html>>

TEIXEIRA, M. G. Medo e Epidemia: A Cólera na Bahia de 1855/1856. Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica (SBPH) – **Anais da XIV** Reunião. Salvador – 1994.

UZEDA, J. A. A Morte Viglada: A Cidade do Salvador e a Prática da Medicina Urbana (1890 – 1930). Mestrado em História FACH – UFBA – tomo 5937.

VERONESI, R. **Doenças Infecciosas e Parasitárias**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 1991.

VIANNA, A. A peste bubônica na Bahia, seu diagnostico. In.: **Revista dos Cursos da Faculdade de Medicina da Bahia 1906**. Sessão de Periódicos Raros. Biblioteca Pública do Estado da Bahia.

CHALHOUB, S. **Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte imperial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

\_\_\_\_\_. et al. (org.) **Artes e ofício de Curar no Brasil** – Capítulos de História Social. Campinas, SP, Editora UNICAMP, 2003.

\_\_\_\_\_. **Visões da Liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na corte**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

WEBER, B. T. **As artes de curar – medicina, religião, Magia e positivismo na república Rio-Grandense – 1889-1928**. Santa Maria EFSM; Bauru, EDUSC Editora da Universidade do Sagrado Coração, 1999.

## FONTES

### Periódicos e Revistas

**Anuario de Estatística Demographo – Sanitaria da Cidade de S. Salvador** – 1903. In.: Sessão de Periódicos Raros. Biblioteca Pública do Estado da Bahia.

**Diario Oficial do Estado da Bahia** – Edição Especial, em Commemoração ao 1º Centenario do 2 de Julho. 1823 – 1923. In.: Sessão de Periódicos Raros. Biblioteca Pública do Estado da Bahia.

**Jornal Diário da Bahia** agosto de 1904. In.: Sessão de Periódicos raros – Biblioteca Publica do Estado da Bahia. Salvador.

**Jornal Diário da Bahia** Setembro de 1904. In.: Sessão de Periódicos raros – Biblioteca Publica do Estado da Bahia. Salvador.

**Jornal Diário de Notícias** – 1904 e 1924. In.: Sessão de Periódicos Raros. Biblioteca Pública do Estado da Bahia.

**Gazeta Médica da Bahia**. In.: Sessão de Periódicos Raros. Biblioteca Pública do Estado da Bahia. Vols 35, 36 e 37. 1904.

**Gazeta Médica da Bahia.** In.: Sessão de Periódicos Raros. Biblioteca Pública do Estado da Bahia. Vol. 34. 1903.

**Gazeta Médica da Bahia.** In.: Sessão de Periódicos Raros. Biblioteca Pública do Estado da Bahia. Vol. 38. 1906/1907

**Gazeta Médica da Bahia.** In.: Sessão de Periódicos Raros. Biblioteca Pública do Estado da Bahia. Vol. 36. 1904/1905.

**Gazeta Médica da Bahia.** In.: Sessão de Periódicos Raros. Biblioteca Pública do Estado da Bahia. Vol. 37. 1905.

**Revista dos Cursos da Faculdade de Medicina da Bahia** 1906, 1907 e 1908. In.: Sessão de Periódicos Raros. Biblioteca Pública do Estado da Bahia.

**Correio da Bahia** – Caderno: Correio Repórter. Letras Médicas. 29 de Julho de 2001. In.: Biblioteca Pública do Estado da Bahia.

**Correio da Bahia** – Caderno: Correio Repórter – Hospital Couto Maia. 22 de Outubro de 2002. In.: Biblioteca Pública do Estado da Bahia.

## MENSAGENS

**Mensagem** Apresentada á Assembléia Geral Legislativa do Estado da Bahia – Pelo então Governador: *Severino Vieira 1903*. In.: Arquivo Público do Estado da Bahia – Setor: Biblioteca.

**Mensagem** Apresentada á Assembléia Geral Legislativa do Estado da Bahia – Pelo então Governador: *José Marcelino de Souza 1905, 1906 e 1907*. In.: Arquivo Público do Estado da Bahia – Setor: Biblioteca.

**Mensagem** Apresentada ao Congresso Nacional – Pelo Presidente da República – Francisco de Paula Rodrigues Alves 1905. Arquivo on-line. Disponível em:  
<http://www.crl.edu/content.asp?11=4&12=18&13=33&14=22>.

**Mensagem** Apresentada ao Congresso Nacional – Pelo Presidente da República – Francisco de Paula Rodrigues Alves 1906. Arquivo on-line. Disponível em:  
<http://www.crl.edu/content.asp?11=4&12=18&13=33&14=22>.

## RELATÓRIOS

**Relatório dos Tribunaes de Appellação e Revista** do Estado da Bahia 1905. In.: Arquivo Público do Estado da Bahia – Setor: Biblioteca.

**Relatório da Intendência Municipal** - Apresentando ao Conselho Municipal – 1906. In.: Salvador: Fundação Gregório de Matos – Setor: Biblioteca.





**Relatório da Intendência Municipal** - Apresentando ao Conselho Municipal – 1907. Pelo Dr. Antonio Victorio de Araújo Falcão. In.: Salvador: Fundação Gregório de Matos – Setor: Biblioteca.

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

\* APES – Arquivo Público Estadual.

☞ APMS – Arquivo Público Municipal.